

**Veja**

**21/11/1990**

**SOCIEDADE**

### **A primavera do patriarca**

*Aos 86 anos, Amador Aguiar, o banqueiro que fundou o Bradesco, casa-se com uma professora de 47 anos com quem mantinha um romance desde 1984*

A cerimônia de casamento foi simples e discreta — bem ao estilo do noivo, o banqueiro Amador Aguiar, 86 anos, fundador do Bradesco, o maior banco privado da América Latina. Diante de um juiz de paz e de uma dezena de padrinhos e parentes, o patriarca do Bradesco casou-se secretamente, no último dia 17 de outubro, em sua casa na Zona Sul de São Paulo. Casou-se com uma mulher de hábitos simples e de origem humilde como a dele, a professora Cleide de Lourdes Campaner, 47 anos, com quem Aguiar vivia há seis anos. Amador Aguiar oficializou seu casamento numa festa sem pompa, um coquetel regado a champanhe, sem garçons para servir os convidados. Cleide usava um vestido de seda preto e branco, feito por sua antiga costureira. Seu cabelo estava preso num coque, a pedido de Aguiar, que gosta desse tipo de penteado. O noivo vestia um terno azul e convidou para padrinho o médico que o assiste nos últimos tempos, Paulo Bobadilha Fontes.

O casamento de Aguiar é um acontecimento especial por muitos motivos. A biografia do banqueiro já seria suficiente para atrair a atenção para sua segunda união, aos 86 anos de idade. Teve infância pobre em Marília, no interior de São Paulo, foi bóia-fria e tipógrafo. Numa máquina tipográfica, ele perdeu um dos dedos da mão. Sua trajetória, de bóia-fria a maior banqueiro do país, poderia render um livro instigante — e pode se comparar à de poucos empresários brasileiros, que saíram do nada ou quase isso para erguer impérios, como os empreiteiros Sebastião Camargo e Olacyr de Moraes. O casamento de Amador Aguiar, que é pai de três filhas, também chama a atenção pelo tamanho da fortuna pessoal do noivo — avaliada em 860 milhões de dólares — e do grande dote que Cleide poderia receber. A união, no entanto, deu-se em regime de separação de bens. Depois dos 60 anos de idade do cônjuge homem, todo casamento é celebrado com separação de bens.

**RABO-DE-CAVALO** — A grande surpresa é que Aguiar se casou com Cleide numa cerimônia quase secreta, cujos detalhes só vieram à tona na semana passada. Isso porque o banqueiro nunca escondeu de ninguém o caso de amor que mantinha com Cleide, que se iniciou antes da morte de sua primeira mulher, Elisa, em março de 1986. "Minha esposa era doente. Tinha esclerose há muito tempo. Por isso eu tive os meus deslizes", explicaria o banqueiro numa entrevista franca ao jornal O Estado de S. Paulo, há três anos. "Passei, então, a viver com minha nova esposa, uma professora da Fundação Bradesco. Não posso ficar sozinho. De repente, eu morro sozinho no quarto", disse ele na mesma entrevista. Nos últimos seis anos, Amador tem sido um homem feliz.

Conheceu Cleide quando ela entrou num projeto educacional da Fundação Bradesco, em 1974, e foi morar na Cidade de Deus, a sede do banco em Osasco. Nessa época, foi apresentada ao futuro marido, mas só em 1984 os dois se apaixonaram. A partir daí, as duas rotas convergiram. Cleide foi morar em São Paulo e deixou de trabalhar. "O Amador não admitia que seus funcionários mandassem em mim. Queria que eu me dedicasse somente a ele", conta ela. "Ele é um homem maravilhoso. Nós nos adoramos, mas ele tem um ciúme violentíssimo", afirma. Aguiar exige, por exemplo, que Cleide se vista com discrição — uma regra, aliás, que vale para todos que trabalham à volta do banqueiro. Por isso, ela só usa cortes e tecidos clássicos e sem decotes. Saias curtas ou roupas coladas, nem pensar. Seu cabelo deve estar sempre preso, em rabo-de-cavalo ou coque.

Desde que Aguiar ficou viúvo, Cleide começou a ocupar mais espaço na vida do banqueiro. Passou a acompanhá-lo nas raras festas que ele freqüentava e em solenidades religiosas, como a festa do Dia Nacional de Ação de Graças, na Cidade de Deus. "Não tenho queixas. Sempre fui tratada como a mulher do Amador", diz Cleide, que não lamenta haver abandonado as salas de aula para se dedicar em tempo integral ao marido. Ela gosta muito de viajar e acompanhou o banqueiro em excursões para Inglaterra, Portugal e Suíça.

PRESENTES — O casal Aguiar vive numa casa de padrão modesto para um banqueiro, a mesma onde ele mora há vários anos, no bairro da Vila Nova Conceição, em São Paulo. Vez por outra, Amador e Cleide se transferem para um apartamento na sede do Bradesco, a cobertura de um prédio de oito andares. Afastado da direção do banco há um ano, Aguiar gosta de ficar por perto do local onde trabalhou — é uma de suas manias. Ele dá conselhos aos diretores, que não têm gabinetes próprios e despacham todos juntos numa grande mesa de trabalho — uma norma criada pelo banqueiro há muitos anos. Como Aguiar tem problemas de locomoção, ele se muda para o apartamento da Cidade de Deus durante o verão, para ficar mais perto do banco. No inverno, ocupa sua casa em São Paulo, porque a temperatura em Osasco é muito fria nessa época do ano — e agrava a asma crônica de que padece e que o levou à UTI do Hospital Gastroclínica no ano passado. "Hoje ele está bem de saúde", afirma Cleide, que recebe presentes com freqüência em retribuição ao carinho que dispensa ao patriarca.

**(Página 59)**